



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

**A mitologia dos astros na tradução
dos *Catasterismos* de Eratóstenes de Cirene**

Eduardo Duarte Moreira

DRE: 116188972

Rio de Janeiro

2021

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Faculdade de Letras
Departamento de Letras Clássicas
Aluno: Eduardo Duarte Moreira - DRE: 116188972

**A mitologia dos astros na tradução
dos *Catasterismos* de Eratóstenes de Cirene**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português-Grego.

Orientadora: Profa. Dra. Beatriz Cristina de Paoli Correia

Rio de Janeiro
2021

Duarte Moreira, Eduardo

DD812m A mitologia dos astros na tradução dos
Catasterismos de Eratóstenes de Cirene / Eduardo
Duarte Moreira. -- Rio de Janeiro, 2021.
32 f.

Orientadora: Beatriz Cristina De Paoli Correia.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português - Grego,
2021.

1. Catasterismos. 2. Eratóstenes. 3. Mitografia.
4. Período Helenístico. 5. Metamorfoses. I. De Paoli
Correia, Beatriz Cristina, orient. II. Título.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

MOREIRA, Eduardo Duarte. A mitologia dos astros na tradução dos *Catasterismos* de Eratóstenes de Cirene. Monografia de Graduação em Letras (Licenciatura em Letras: Português - Grego). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021.

Data de avaliação:

Banca Examinadora:

_____ Nota: _____

Profa. Dra. Beatriz Cristina de Paoli Correia - Siape: 2144928

Presidente da Banca Examinadora

Professora Adjunta - Universidade Federal do Rio de Janeiro

_____ Nota: _____

Profa. Dra. Tatiana Oliveira Ribeiro - Siape: 2334302

Professora Adjunta - Universidade Federal do Rio de Janeiro

_____ Nota: _____

Prof. Dr. Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda - Siape: 1399244

Professor Adjunto - Universidade Federal do Rio de Janeiro

O candidato obteve, assim, média _____ e, portanto, a Monografia está _____.

Agradecimentos

À Professora Doutora Beatriz de Paoli, não somente pela orientação, mas, principalmente, por todo carinho e cuidado que teve com a minha pessoa. Pedi aos Deuses do Olimpo uma orientadora, mas ganhei uma grande amiga e uma mãe acadêmica.

À minha principal estrela que hoje descansa no céu iluminado. Obrigado, mãe, Marilucia Do Carmo Duarte, por tudo que fez para que hoje eu conseguisse concluir essa monografia. Tudo isso é por você.

Ao Professor Doutor Ticiano Estrela Curvelo de Lacerda e às Professoras Doutoras Tatiana Ribeiro e Simone Bondarczuk, pelo carinho de sempre.

À Daniela Tavares e Jeannie Bressan pela lealdade, amizade e carinho.

Ao PROAERA, grupo de pesquisa que muito me ensinou sobre o mundo acadêmico.

A Adriele Figueiredo, Matheus Azevedo e Luiza Martins Bezerra, por tornarem esses anos de graduação um momento fantástico.

A minha vó Célia e meu pai Marco Aurélio, por sempre estarem ao meu lado.

Aos meus irmãos Matheus Duarte Moreira e Bárbara Benedita Duarte Moreira, por serem o meu porto seguro.

Aos meus queridos Matheus Apolo de Oliveira Brasil, Victor Lorhan Aguiar de Melo e Douglas Ferreira, pela parceria de sempre.

Sumário

Introdução.....	1
1. A importância das estrelas em Homero e Hesíodo.....	3
2. <i>Catasterismos</i> entre mitografia e mitologia.....	5
3. A mitografia como gênero da prosa helenística.....	6
4. Os estudos mitográficos e a atividade poética: Eratóstenes de Cirene x Arato de Solos.....	8
5. Metamorfose nos <i>Catasterismos</i>	10
6. A função e a representatividade das constelações.....	12
7. Traduções dos capítulos selecionados.....	16
7.1. Ursa Maior.....	16
7.2. Escorpião.....	18
7.3. Boieiro.....	20
7.4. Touro (Híades)	22
7.5. Plêiades.....	24
7.6. Órion.....	26
7.7. Cão Maior.....	28
Considerações finais.....	30
Referências bibliográficas.....	31

Introdução

Eratóstenes de Cirene foi um mitógrafo, geógrafo, matemático, astrônomo e filósofo. Nasceu em 276 a.C., na cidade de Cirene, antiga colônia grega na atual Líbia. Viveu na Grécia antiga, durante a segunda metade do século III a.C., no período conhecido como Helenístico, tendo sido bibliotecário-chefe da biblioteca de Alexandria. Durante esse período, Eratóstenes ficou conhecido por ter medido a circunferência da Terra.

O período Helenístico comumente se refere à história da Grécia Antiga entre a morte de Alexandre o grande em 323 a.C. e a “anexação” da península Grega e as ilhas de Roma em 146 a.C., isto é, entre os séculos III e II a.C. Esse período foi de florescimento e de domínio da cultura grega, havendo ainda a fusão entre a cultura grega e a oriental.

Os interesses de Eratóstenes eram os mais variados e se estendiam por áreas tais como a literatura, a cronologia, a matemática, a geografia, a cartografia e a filosofia. Apenas algumas de suas obras chegaram até nós, em virtude de sua difusão entre os estudiosos que vieram depois dele, restando-nos apenas fragmentos ou resumos.

As principais obras de Eratóstenes de que temos conhecimento são: *Catasterismos* (conjunto de narrativas míticas em que os personagens se transformam em estrelas); *Platonicus* (obra filosófica); *Dos Meios Geométricos* (livro de estudos geométricos); *Da medida da Terra* (estudo sobre a medição da circunferência do planeta Terra); os poemas *Erígone* e *Hermes* (este último em hexâmetros, sobre o nascimento e a juventude do deus).

Este trabalho tem como proposta o estudo e a tradução de capítulos selecionados da obra *Catasterismos*. Esta obra trata da mitologia do firmamento: seres que são metamorfoseados em estrelas. É composta de pequenas narrativas míticas em prosa que contam a origem mitológica das estrelas e, conseqüentemente, a formação das constelações.

Catasterismos é constituída em forma de epítomes. Epítome é o resumo de uma obra literária, histórica ou científica, geralmente destinada ao uso didático. Sendo assim, o texto dos *Catasterismos* que possuímos é o conjunto de resumos, retirados de epopéias e tragédias que se perderam ao longo do tempo, de mitos que narram a história de seres que são colocados entre os astros; daí o título atribuído à obra: *Catasterismos*, do verbo

καταστερίζω, que significa "colocar entre os astros". Segundo Antonio Ruiz de Elvira (1982, p. 470),

Se llama catasterismo a la conversión en constelación de un personaje o ser mitológico, y también a la constelación misma que así resulta, y que por su nombre, forma y cualidades se admitía que seguía siendo el mismo personaje o ser en cuestión, transformado en astro pero conservando de algún modo, más aún que en las metamorfosis ordinarias, su antigua personalidad o individualidad peculiar.

Há um debate acerca da autoria dos *Catasterismos*; por essa razão, costuma-se fazer referência a seu autor como Pseudo-Eratóstenes.

A obra contém 44 capítulos. Os capítulos de 1 a 42 mencionam 43 das 48 constelações reconhecidas por Ptolomeu no século II d.C.; já os capítulos 43 e 44 falam sobre cinco planetas e a Via Láctea.

As constelações de que fala Pseudo-Eratóstenes possuíam figuras próprias do imaginário grego, como os heróis da mitologia (Hércules, Perseu, Órion, Castor e Pólux, e Asclépio), as ninfas (Plêiades, Híades), seres da natureza, como os animais e os pássaros (as duas ursas, as três serpentes, o escorpião, os dois cães, o caranguejo, o leão, a cabra, o touro, o cavalo e o carneiro, os três peixes, o cisne, a águia, o corvo, a lebre, o golfinho) e objetos inanimados (a coroa, o triângulo, a lira, a flecha, o altar, a taça (ou copo), o navio, e a mecha de cabelo).

Os capítulos escolhidos para tradução foram os correspondentes às constelações Ursa Maior, Boieiro, Touro (Híades), Plêiades, Órion, Escorpião e o Cão Maior. A seleção desse *corpus* deveu-se à presença dessas constelações na épica grega antiga, visto que figuram na *Iliada* (XVIII, 483-89) e na *Odisseia* (V, 270-77) de Homero e em *Os trabalhos e os dias* de Hesíodo (564-70 e 609-22).

1. A importância das estrelas em Homero e Hesíodo

Nela o ferreiro engenhoso insculpiu a ampla terra e o mar vasto,
o firmamento, o sol claro e incansável, a lua redonda
e as numerosas estrelas, que servem ao céu de coroa.
Pôs nela as Plêiades todas, Orião robustíssimo, as Híades,
e mais, ainda, a Ursa, também pelo nome de Carro chamada,
a Ursa que gira num ponto somente, a Orião sempre espiando,
e que entre todas é a única que não se banha no oceano.
(*Il.* V, 483-489, trad. Carlos Alberto Nunes)

Ao depararmos com a imagem do escudo de Aquiles, vemos que Hefesto, o Deus da Metalurgia, coloca as estrelas e as constelações de Órion e Ursa Maior, e o aglomerado de estrelas pertencentes a constelação de Touro: Plêiades e Híades. Dessa maneira, entende-se que essas constelações possuem a função de proteger e inspirar o herói. Pois, a imagem da constelação Órion no escudo nos leva a pensar na memória e na imagem gloriosa que esse herói passa para Aquiles. Com isso, vemos que a coragem de Orião e todo seu ato heroico, enquanto esteve no plano material, ajudou a inspirar Aquiles a ir para o campo de batalha na luta entre Gregos e Troianos.

No canto V da *Odisséia*, ao narrar a viagem marítima de Odisseu quando parte sozinho da ilha de Calipso, seguindo as instruções da deusa, diz o narrador:

Sempre sentado, o timão dirigia com arte e destreza,
sem ter as pálpebras nunca de sono pesadas, as Plêiades
a contemplar e o Boieiro, que tarde costuma deitar-se,
bem como a Ursa, também pelo nome de Carro chamada,
que gira sempre num ponto e não deixar a de Orião ter em vista,
e que entre todas é a única que não se banha no Oceano,
pois fora expressa recomendação da divina Calipso
que ele tivesse à sinistra este signo durante o percurso.
(*Od.* V, 270-77, trad. Carlos Alberto Nunes)

É interessante observar como essa passagem testemunha a importância que o conhecimento sobre as estrelas e as constelações tinha para o homem da Antiguidade. Como podemos ver aqui, as constelações Ursa Maior e o Boieiro, juntamente com as demais constelações mencionadas nesse trecho da obra de Homero, tem a função de ajudar os navegadores das naus a se guiarem e assim chegarem aos destinos que almejam.

Dessa forma, podemos dizer que Calipso indica a Odisseu que siga as constelações (as Plêiades, o Boieiro, a Ursa Maior e Órion) como uma forma de rota para que consiga sair da ilha de Ogígia.

Em *Os trabalhos e os Dias*, lemos a seguinte passagem:

Quando Órion e Sírius chegarem ao meio
do céu e a dedirrósea Aurora vir Arcturo,
ó Perses, então colhe todos os cachos de uva e leva-os para casa.
Deixa-os no sol por dez dias e dez noites,
na sombra por cinco e no sexto derrama em jarros
o presente de Dioniso cheio de alegria.
Mas quando as Plêiades, as Híades e a força de Órion
se põem, então é o tempo de lembrar-se da sementeira,
e que o ano esteja preparado sob a terra.
(*T.D.* 609-22, trad. Alessandro Rolim de Moura)

Em Hesíodo podemos perceber a importância para o homem da Antiguidade de estar atento às estrelas e às constelações de modo a conseguir realizar seus trabalhos do dia a dia. Hesíodo, neste trecho, apresenta uma espécie de calendário baseado nos astros e que tem como função indicar a mudança de clima e, conseqüentemente, a mudança das estações, para que assim o agricultor consiga realizar suas produções com êxito.

De acordo com a data que Arcturo se levanta, vemos que ele assinala o início do outono e o término da época de tempo bom para a navegação. Arato também nos diz que Arcturo se põe ao entardecer no final de outubro, pouco antes do início do inverno¹.

Com base nas passagens mencionadas, podemos entender que as estrelas e as constelações possuem valores associados ao espaço e ao tempo. As constelações possuem o valor de espaço e tempo para ajudar Odisseu, os navegadores e os trabalhadores a realizar seus deveres na terra. No escudo de Aquiles, esse valor de espaço e tempo é menos pragmático e mais absoluto, visto que a referência às constelações evoca a totalidade do mundo e do que nele existe que o ferreiro inscreve no escudo do herói.

¹ “cada estrela contempla uma alvorada diversa”. ARATO, *Fenômenos*, v. 751. Tradução de José Carlos Baracat Junior, Rafael Brunhara et alii, 2016.

2. *Catasterismos* entre mitografia e mitologia

Para melhor compreendermos os *Catasterismos*, é necessário iniciarmos a discussão a respeito do gênero a que ela pertence. Sendo assim, é importante analisarmos o que significa mitografia e qual a semelhança, ou diferença, com a mitologia, que conhecemos desde cedo. Entende-se que mitologia é um conjunto de mitos de um povo ou cultura, especialmente grega e romana. Dessa maneira, vemos que esses mitos (ou lendas) encontrados dentro da mitologia grega são relatos de eventos e marcos da história clássica. Todos esses eventos fazem parte da história local daquele povo e influenciaram toda a formação daquela sociedade e, até mesmo, contribuíram para a formação das culturas de outros povos.

A mitografia é o gênero que trata da origem dos mitos e nos traz explicações sobre eles. Portanto, nota-se que a mitografia constitui um conjunto de obras literárias gregas e latinas (fragmentos, catálogos, listas) que aborda a mitologia de forma sistemática e, principalmente, objetiva. Podemos encontrar diversas características dentro desse gênero literário, pois ele varia de acordo com os autores e o tema da obra; a maneira como os manuais, que foram produzidos na *Biblioteca de Apolodoro*, eram apresentados; e as compilações de metamorfoses de mitos em astros. Desse modo, mesmo a mitografia sendo uma ferramenta que tem como uma das suas funções nos explicar a mitologia de uma maneira direta e objetiva, vemos que dentro desse gênero há características que se diferenciam.

De fato, reconhecemos que antes de a mitografia ser tratada como uma ferramenta para explicar o mito e ser reconhecida como um gênero literário, a mitologia era apresentada por meio dos mitólogos² que não tinham a perspectiva de trazer uma explicação clara para aquele acontecimento mitológico.

² Pessoa que professa mitologia ou possui conhecimentos especiais.

3. A mitografia como gênero da prosa helenística

Alganza Rodán, em seu artigo “La mitografía como género de la prosa Helenística: cuestiones previas” (2006, p. 11), observa que:

La mitografía se insertaría en el gran debate de concepto y método de la mitología contemporánea, como ilustración postrera del impacto de la escritura en las formas culturales de la tradición oral.

De acordo com esse artigo, pode-se afirmar que os primeiros dados do gênero mitográfico surgiram de um contexto da criação e execução da poesia arcaica. Pesquisadores da área acreditam que esses materiais míticos já existiam na forma de catálogos e listas, para que os rapsodos e aedos pudessem utilizá-los.

Essas características míticas possuíam a forma de poesia cíclica e abordavam a respeito das poesias homéricas e no *corpus* de Hesíodo. Sendo assim, vemos que esses materiais mitográficos são fragmentos e resumos de Homero e Hesíodo.

De acordo com o classicista Fowler³, é notório que a mitografia não é um gênero do século V a.C., mas sim do século III a.C., sendo conhecido como o principal gênero literário da *Biblioteca* de Apolodoro no início do período helenístico, pois, de acordo com Fowler, é possível compreender que os relatos (listas e fragmentos) que surgiram antes da *Biblioteca* de Apolodoro devem ser classificados como historiografia clássica. Assim, para conseguir reconhecer essa diferença, é necessário separar os materiais míticos predominantes na mitografia (séc. III a.C.) e excluir os fragmentos que correspondem e comprovam ser historiográficos.

Muitos especialistas propagam a afirmação de Fowler, dizendo que a mitografia foi totalmente constituída como gênero no período helenístico⁴. Entretanto, compreende-se que essa definição e a marcação de gênero dada à mitografia é algo contemporâneo, e não clássico, pois, para os gregos da antiguidade clássica, não existia a definição das

³ Robert Louis Herbert Fowler é um classicista e acadêmico. Ele foi professor de grego na Universidade de Bristol entre 1996-2017.

⁴ “La mitografía se encuentra plenamente constituida como género a comienzos de la época helenística.” Alganza Roldán, 2006, p. 16.

coisas como literatura, isso é algo que nós fazemos. Os mitógrafos⁵, como o próprio Eratóstenes de Cirene, não definiram os gêneros de suas respectivas obras.

Podemos compreender a mitografia como fonte para o conhecimento a partir de diferentes estratos e variantes da tradição mítica. Essa função tem como tarefa recolher o testemunho de mitógrafos, no qual, geralmente, é relegado para o benefício de recriações da literatura poética. Entretanto, é possível identificar que essas recriações não se resumem somente à questão poética, como vemos em Homero, por exemplo, mas é notório que as narrativas míticas feitas pelos mitógrafos resumem e recriam outros gêneros da literatura grega, como a tragédia e a filosofia. Dessa maneira, vemos mais um exemplo do como as mitografias se diferem.

Nota-se que a *verdade* e a *ficção* se constituem de forma definitiva no “gênero” mitográfico, pois ambas são características recorrentes e objetos de discurso utilizados na mitografia.

⁵ Autor e pesquisador que escreve sobre os mitos.

4. Os estudos mitográficos e a atividade poética: Eratóstenes de Cirene x Arato de Solos

A mitografia é conjunto de narrativas a respeito dos mitos, que podem ser organizadas de acordo com um critério analógico ou genealógico⁶. No critério genealógico, as narrativas se reúnem considerando-se o parentesco entre os personagens, como, por exemplo, na *Biblioteca* de Pseudo-Apolodoro. Em Eratóstenes, o critério presente é o analógico, pois é um critério temático. O autor reúne narrativas míticas que contam o como um astro foi formado, como um personagem (seja ele humano ou animal) foi lançado para os astros, se convertendo em uma constelação, e assim temos um conjunto de mitos astronômicos etiológicos que contam a origem dos corpos celestes.

No *Catasterismos* de Eratóstenes, nota-se que o autor procura nos mostrar a narrativa de um mito com base no que um poeta ou tragediógrafo de outrora fez. Assim sendo, observa-se que nessa obra o autor não tem interesse em contar cada detalhe do que aconteceu com determinado personagem mítico. Na verdade, na obra do *Catasterismos*, encontramos a objetividade textual que Eratóstenes quer propor e executar. Essa narrativa mítica busca narrar como um indivíduo se tornou uma estrela.

Os *Catasterismos* não possuem uma característica poética interpretativa, na qual o mitógrafo queira provocar uma reflexão a respeito de uma sociedade (assim como Arquíloco fez), ou ver o belo em todas as coisas e fazer invocação às Musas para que lhe traga inspiração (semelhante ao que Arato faz⁷). Enquanto Eratóstenes de Cirene almeja seguir o critério analógico e direcionado, Arato de Solos segue uma outra vertente, mas nada diferente do que já conhecemos. Mesmo sendo de uma época mais tardia, encontramos na poesia helenística de Arato todas as influências homéricas e hesiódicas possíveis, pois, assim como as obras do século VII a.C., essa poesia de Arato também é escrita em hexâmetros, e tem, portanto, na poesia homérica arcaica o seu modelo. Dessa forma, é plausível afirmar que os *Fenômenos* de Arato seguem um critério sistemático e descritivo. Ou seja, toda a beleza do cosmo, das estrelas e das constelações é narrada por

⁶ MARTINHO, Marcos. "Mitografia Grega". Palestra apresentada no 30º LEC-UFF na Quarentena, em 04.11.2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Yi0pSUfFawI>.

⁷ Nos *Fenômenos* de Arato, vemos que o poeta faz uma referência ao hino a Zeus de Hesíodo em *Os Trabalhos e o Dias* (1-4).

Arato, cada detalhe nos é apresentado e discutido com um bom destaque para a beleza que a história das estrelas tem nos mostrado.

A título de comparação, trazemos alguns versos dos *Fenômenos* de Arato que descrevem as Plêiades. Arato, contemporâneo de Eratóstenes, também escreve sobre os astros, mas sua obra é escrita em hexâmetros datílicos e tem como modelo a poesia de Homero e de Hesíodo. A sua descrição das Plêiades, portanto, é bastante diferente da de Eratóstenes, que escreve de forma concisa e objetiva, num gênero bastante diferente.

“Sete Vias” é como são celebradas entre os homens,
ainda que apenas seis sejam visíveis aos olhos.
De modo algum quer dizer que, ignorada, alguma estrela tenha
sumido do céu desde que ouvimos falar dela, mas é bem
assim que se conta. Aquelas sete, de nome, chamam-se
Alcíone, Mérope, Celeno, Electra,
Estérope, Taígete e Maia augusta.
Elas são igualmente pequenas e pálidas; célebres, porém,
giram de manhã cedo e ao entardecer, e Zeus é a causa,
que o início tanto do verão quanto do inverno fê-las
assinalarem, e a chegada do tempo das lides no campo.
(v. 257-67, trad. José Carlos Baracat Junior, Rafael Brunhara et alii)

Evidente que não há uma rivalidade entre os autores citados nesse tópico e, na verdade, para o leitor moderno, uma obra complementa a outra. Já que os *Catasterismos* é um resumo de epopéias e tragédias, é compreensível que os *Fenômenos* sejam utilizados como um material complementar e auxiliar, para que assim seja possível conhecer mais sobre a história mítica dos seres que foram metamorfoseados em estrelas.

5. Metamorfose nos *Catasterismos*

Compreende-se que metamorfose é uma alteração ou mudança que ocorre de maneira parcial ou completa na estrutura e na natureza de um ser. Alguns estudiosos não consideram a metamorfose como um processo de mudança, mas, sim, uma transformação pela qual os seres vivos passam durante o seu processo de desenvolvimento que resulta numa forma completamente diferente.

Ao debatermos a respeito da metamorfose é comum nos remetermos à principal obra, que são as *Metamorfoses* de Ovídio⁸. Pode-se observar que essa obra narra alguns acontecimentos míticos a respeito de personagens presentes na mitologia grega e romana, e encontramos as transformações que dão o título a essa obra. Nela, encontramos homens que se metamorfoseiam em animais, flores ou até mesmo rochas; ninfas que passam pelo processo de transformação e se tornam sons; e deuses que se transformam em aves.

Na obra ovidiana, nota-se que os deuses metamorfoseiam os seres (homens e animais etc.) para mostrar a superioridade que possuem diante dos mortais de forma a conseguir realizar suas próprias vontades ou para puni-los devido uma atitude que, para os deuses, é julgada errada. Um exemplo disso são as metamorfoses de Licáon⁹ e Callisto¹⁰ que encontramos tanto na obra de Ovídio quanto nos *Catasterismos de Eratóstenes*.

De acordo com a nossa tradução, vemos que o texto grego, por ser um epítome, é extremamente conciso. Pressupõe por parte do leitor e do tradutor um conhecimento prévio acerca de determinados mitos, como, por exemplo, o do já mencionado Licáon, cuja referência que aparece nas duas narrativas apresentadas (Ursa Maior e Boieiro) é uma obra, infelizmente perdida, de Hesíodo, o *Catálogo das Mulheres* (Fr. 163). Por causa disso, o texto não precisa explicar, por exemplo, por que motivo Licáon esquarteja e serve como refeição a Zeus o próprio filho deste. Como não dispomos senão de fragmentos dessa obra perdida de Hesíodo, temos de recorrer a outras fontes, sendo, neste caso, a principal delas as *Metamorfoses* de Ovídio (I, 196 sq.), para entender que Licáon,

⁸ O conceito de metamorfose (verbo μεταμορφόω-ω) é explorado no poema ovidiano.

⁹ A metamorfose de Licáon (e de seus filhos, exceto um, Níctimus, em Apolodoro; em Higino, crianças morrem abatidas; em Nicolau de Damasco, os que eram culpados) em lobo encontra-se, além de em Ovídio, em Apolodoro, Higino fab. e astron., schol. Germán., Pausanias V III 3, 3 e Myth.

¹⁰ II 153-192, Calímaco fr. 632 Pfeiffer in schol. II. X V III 487, Eratóstenes catast. 1, etc.; cf. II. X V III 489 e Anfis fr. 22 para Edmonds em Higino astron. II 1).

herói da Arcádia, filho do rei Pelasgo, tinha o costume de, ao receber estrangeiros, sacrificar um humano e servir-lhe as carnes no banquete para descobrir se seu hóspede era um deus ou não. Se fosse um deus, saberia, como Zeus soube, o que estava sendo servido para ele como refeição.

Todavia, é bom destacar que mesmo sendo possível encontrarmos esse caso da metamorfose de Licáon na obra *Catasterismos*, vale ressaltar que a obra como um todo tem como foco principal narrar as metamorfoses astrais que os seres do imaginário grego passam. Entretanto, cada ser possui uma motivação diferente no qual motivou os deuses a honrá-los, protegê-los e até mesmo castigá-los, para que assim possam se transformarem em estrelas.

6. A função e a representatividade das constelações

De acordo com os capítulos 7 e 32 (Escorpião e Órion) dos *Catasterismos* de Eratóstenes, podemos observar que a razão para eles serem eternizados dentre as estrelas é devido a imagem moral que esses seres mitológicos transmitem para os seres humanos da Terra. A razão que Zeus teve para metamorfosear o herói Órion em uma constelação é o fato de esse personagem mítico ser um homem corajoso. Sendo assim, nota-se que a constelação de Órion resplandece a imagem da coragem e que, através da luz das suas estrelas, os indivíduos da terra se inspiram no herói e desenvolvem como seres humanos. Já a constelação de escorpião foi eternizada no cosmo devido a este animal possuir uma força e poder muito grande. E, dessa forma, sua imagem também reflete a inspiração de força para os seres humanos.

Isso nos leva à importante função da memória (*μνημόσυνον*)¹¹ nos *Catasterismos*. É correto afirmar que, em muitos casos dos mitos narrados nos *Catasterismos*, Zeus eternizou os seres mitológicos no céu como forma de honrá-los e, em muitos desses casos, como lembrança e memória (*μνημόσυνον*) de seus feitos para os mortais. Em seu ensaio “A memória dos Heróis gravadas nas estrelas: Eratóstenes e a épica portuguesa”, Rui Carlos Fonseca faz a seguinte observação:

A fixação dos seres mais ilustres nas estrelas garante-lhes a imortalidade, pois, como residentes no céu imenso, beneficiam de uma espécie de imunidade que os protege contra o desgaste que o tempo produz, de modo que, carregando consigo os feitos de outrora, fazem o passado continuamente presente para todos aqueles que os contemplam. A memória, porém, propaga-se não apenas pela contemplação directa, mas também pela simples menção às origens terrenas desses moradores astrais. E o simples acto de mencionar recupera, por si, o tempo longínquo, travando a acção do obliúvio. (2016, p. 97)

Dessa maneira, podemos observar que, por exemplo, nos capítulos correspondentes às constelações de Órion e Escorpião, Zeus, por meio da metamorfose astral, lhes garantiu a vida eterna no campo celestial para que, através do brilho das estrelas, pudessem refletir as suas imagens, e assim, os Homens da Terra possam

¹¹ *μνημόσυνον* indica “o que evoca a memória, lembrança, memória”.

contemplar esses fenômenos da natureza pertencentes ao campo dos astros. Órion¹² traz a memória da coragem, e a constelação de Escorpião, a memória da força e do poder. Dessa maneira, Eratóstenes mostra no *Catasterismos* um céu corado de mitos, onde grava a memória dos heróis de outrora.

Segundo Rui Carlos Fonseca, podemos observar que em 12 capítulos dos *Catasterismos* de Eratóstenes as metamorfoses astrais ocorrem porque foi “como memória ou para memória que uma divindade colocou algo ou alguém entre os astros” (2016, p. 95).

A seguir listamos os 12 capítulos que possuem a presença de vocábulos relacionados à ideia de memória (radical μνημ-): μνημόσυνον (*Cat.* 19, 24, 32, 32, 39), o mais recorrente; υπόμνημα (*Cat.* 3, 17, 29, 36); μνήμης (*Cat.* 4, 10); μνημονεύω (*Cat.* 12); e μνημόνευμα (*Cat.* 41)¹³.

Cat. 3 - Dragão: υπόμνημα τοῦ ἀγῶνος Διὸς θέντος ἐναργέστατον.

t: Tendo sido colocado por Zeus como o mais brilhante [para] trazer **recordação** da luta.

Cat. 4 - Herácles: ἄξιον ὁ Ζεὺς κρίνας τὸν ἄθλον μνήμης.

t: [Devido ao seu] esforço, Zeus, tendo-o julgado digno de **memória**, colocou-o entre as estrelas.

Cat. 10 - Gêmeos: μνήμην δὲ αὐτῶν Ζεὺς θέσθαι βουλόμενος τῆς κοινότητος.

t: E Zeus colocou ambos nas estrelas, desejando a **memória** da parceria entre os irmãos.

Cat. 12 - Leão: Τινὲς δὲ φασιν ὅτι Ἡρακλέους πρῶτος ἄθλος ἦν εἰς τὸ μνημονεῦθῆναι.

t: Alguns dizem que [esta constelação representa] o primeiro trabalho de Hércules, para a **memória**.

Cat. 17 - Andrômeda : διὰ τὴν Ἀθηνᾶν, τῶν Περσέως ἄθλων υπόμνημα.

t: Com a ajuda de Atena, como **recordação** dos trabalhos de Perseu.

¹² Zeus coloca Órion entre as estrelas como um reflexo luminoso.

¹³ Essa lista foi retirada da obra “A memória dos heróis gravada nas estrelas: Eratóstenes e a épica portuguesa”. A tradução, no entanto, é nossa.

Cat. 19 - Άries: καὶ ἐκδὺς ἔδωκε τὴν χρυσοῦν δοράν, ὅπως μνημόσυνον ἔχη.

t: Tendo despojado, concedeu a pele de ouro [do carneiro] para tê-la como memória.

Cat. 24 - Lira: Τὴν δὲ λύραν οὐκ ἔχουσαι ὄτω δώσειν τὸν Δία ἠξίωσαν καταστερίσαι, ὅπως ἐκεῖνου τε καὶ αὐτῶν μνημόσυνον τεθῆ ἔν τοις ἄστροις.

t: E não tendo para quem dar a Lira, consideraram digno que Zeus a colocasse entre as estrelas, como memória tanto dele (Orfeu) quanto delas (Musas).

Cat. 29 - A Flecha: ὁ Ἀπόλλων εἰς ὑπόμνημα τῆς ἑαυτοῦ μάχης.

t: Apolo [colocou a flecha entre as estrelas] para recordação da própria luta.

Cat. 32 - Órion: ὁμοίως καὶ τὸ θηρίον τοῦ εἶναι μνημόσυνον [καὶ] τῆς πράξεως.

t: Igualmente, [colocou entre os astros] o animal, como uma memória do acontecimento.

Cat. 32 - Órion: τοὺς δὲ θεοὺς ἐλεήσαντας αὐτὸν ἐν οὐρανῷ καταστερίσαι καὶ τὸ θηρίον εἰς μνημόσυνον τῆς πράξεως.

t: Mas os Deuses tiveram piedade dele e colocaram a ele e ao animal entre as estrelas do céu, como uma memória do acontecimento.

Cat. 36 - A Baleia: καὶ διὰ τοῦτο εἰς τὰ ἄστρα ἐτέθη ὑπόμνημα τῆς πράξεως αὐτοῦ.

t: E, por conta disso, colocou-o entre as estrelas para recordação desse acontecimento.

Cat. 39 - O Altar: ἐπιτυχόντες δὲ τῆς πράξεως ἔθηκαν καὶ αὐτὸ ἐν τῷ οὐρανῷ εἰς μνημόσυνον.

t: E tendo conseguido [esse] feito, [os deuses] colocaram no céu para memória.

Cat. 41 - O Corvo, a Hidra e o Copa: μνημόνευμα δὲ δώσων τῆς εἰς θεοὺς ἀμαρτίας σαφές, εἰκονίσας ἐν τοῖς ἄστροις ἔθηκεν

t: Mas, a fim de colocar como recordação do erro para com os deuses, colocou [essa] imagem entre as estrelas.

Tendo em vista que 12 dos 44 capítulos dos *Catasterismos* possuem metamorfoses astrais cujo objetivo é mostrar a memória que foi posta no céu estrelado, concluímos que Zeus não coloca os seres entre as estrelas somente como forma de honrá-los, mas também para transmitir suas imagens e preservar sua memória para os mortais: “Eratóstenes, ao relatar os episódios mitológicos que explicam a gênese das constelações e a disposição dos astros no céu, contribuiu sem dúvida para propagação dessa memória gravada nas estrelas” - “A memória dos heróis gravada nas estrelas: Eratóstenes e a épica portuguesa”. (FONSECA, 2016, p. 102)

Entretanto, de acordo com o *Catasterismos* 41, podemos observar que nem todos esses seres foram colocados entre as estrelas como forma positiva, pois, de acordo com essa narrativa mitológica, nota-se que o Corvo foi colocado no céu como punição por ter cometido um erro contra os Deuses. Esse é o único caso narrado por Eratóstenes no qual a metamorfose astral não é tratada para mostrar a memória de um ato honroso, mas para mostrar a lembrança de um castigo divino. Dessa maneira, entendemos que os *Catasterismos* nem sempre irá relatar sobre as metamorfoses astrais como um presente, mas também como um castigo divino.

7. Traduções dos capítulos selecionados¹⁴

7.1. URSA MAIOR

A Ursa Maior é uma constelação também pertencente ao hemisfério celestial norte, sendo uma das mais conhecidas deste hemisfério. É referida pelo seu nome grego, Ἄρκτου μεγάλης. Dubhe é a estrela alfa da constelação e, por essa razão, a mais brilhante. A Ursa Maior tem como constelações vizinhas: Boieiro, Cabeleira de Berenice, Dragão, Leão, Ursa Menor.

Texto grego:

Ἄρκτου μεγάλης.

Ταύτην Ἡσίοδος φησι Λυκάονος θυγατέρα ἐν Ἀρκαδία οἰκεῖ, ἐλέσθαι δὲ μετὰ Ἀρτέμιδος τὴν περὶ τὰς θήρας ἀγωγὴν ἐν τοῖς ὄρεσι ποιεῖσθαι· φθαρεῖσαν δὲ ὑπὸ Διὸς ἐμμεῖναι λανθάνουσαν τὴν θεόν· φωραθῆναι δὲ ὕστερον ἐπίτοκον ἤδη οὖσαν ὀφθεῖσαν ὑπ' αὐτῆς λουομένην· ἐφ' ᾧ ὄργισθεῖσαν τὴν θεὸν ἀποθηριῶσαι αὐτήν· καὶ οὕτως τεκεῖν ἄρκτον γενομένην τὸν κληθέντα Ἀρκάδα· οὖσαν δ' ἐν τῷ ὄρει θηρευθῆναι ὑπὸ αἰπόλων τινῶν καὶ παραδοθῆναι μετὰ τοῦ βρέφους τῷ Λυκάονι· μετὰ χρόνον δὲ τινα δόξαι εἰσελθεῖν εἰς τὸ τοῦ Διὸς ἄβατον [ἱερὸν] ἀγνοήσασαν τὸν νόμον· ὑπὸ δὲ τοῦ ἰδίου υἱοῦ διωκομένην καὶ τῶν Ἀρκάδων, καὶ ἀναιρεῖσθαι μέλλουσαν διὰ τὸν εἰρημένον νόμον, ὃ Ζεὺς διὰ τὴν συγγένειαν αὐτὴν ἐξείλετο καὶ ἐν τοῖς ἄστροις αὐτὴν ἔθηκεν· Ἄρκτον δὲ αὐτὴν ὠνόμασε διὰ τὸ συμβεβηκὸς αὐτῇ σύμπτωμα.

Ἔχει δὲ ἀστέρας ἐπὶ τῆς κεφαλῆς ζ' ἁμαυρούς, ἐφ' ἑκατέρων ὠτίων β', <ἐπ' ὠμοπλατῶν λαμπρὸν α', ἐπὶ τοῦ στήθους <α', ἐπὶ τοῦ ἔμπροσθεν ποδὸς> β', ἐπὶ τῆς ῥάχεως λαμπρὸν α', <ἐπὶ τῆς κοιλίας λαμπρὸν α'>, ἐπὶ σκέλεσιν ὀπισθίοις β', ἐπ' ἄκρῳ τῷ ποδὶ β', ἐπὶ τῆς κέρκου γ'· τοὺς πάντας κδ'.

¹⁴ O texto grego segue a edição de A. Olivieri, publicada pela editora Teubner, em 1897.

Tradução:

Ursa Maior

Quanto a ela, Hesíodo diz que a filha de Licáon vivia na Arcádia, e escolheu como modo de vida [caçar], junto a Ártemis, as feras nas montanhas. E, tendo sido seduzida por Zeus, permaneceu despercebida perante a deusa. Mas, tendo sido flagrada mais tarde, estando já próxima de dar à luz, foi vista por ela [a deusa], enquanto tomava banho. Tendo se irritado com isso, a deusa transformou-a em fera; e, desse modo, transformada em ursa, deu à luz ao que tem o nome de Árcade. Estando nas montanhas, ela foi caçada por uns pastores de cabras e entregue com o seu filho a Licáon. Passado certo tempo, ela resolveu entrar no recinto consagrado do templo de Zeus, ignorando a norma. E, sendo perseguida pelo próprio filho e pelos árcades, quando estava prestes a ser capturada por causa da mencionada norma, Zeus, devido a seu parentesco com ela, arrebatou-a e a colocou entre as estrelas. Denominou-a Ursa, por causa do que lhe ocorrera.

Na cabeça, possui sete estrelas de pouca luz; duas em cada uma das orelhas; em torno do omoplata, há uma estrela brilhante; uma em cima do peito e duas em frente dos pés, uma estrela brilhante nas costas, uma estrela brilhante no abdômen, duas nas pernas traseiras, duas nas extremidades dos pés, e três estrelas na cauda; [possuindo] um total de 24 estrelas.

7.2. ESCORPIÃO

O Escorpião é uma constelação do Zodíaco que é facilmente visualizada nas noites de inverno no hemisfério sul (ou nas noites de verão do hemisfério norte). É conhecido por meio do genitivo *Scorpii*. Antares é a principal estrela dessa constelação. É a 16ª estrela mais brilhante do céu.

O Escorpião tem como vizinhas as constelações: Sagitário, Serpentário, Libra, o Lobo e o Altar.

Texto grego:

Σκοπίου.

Οὗτος διὰ τὸ μέγεθος εἰς δύο δωδεκατημόρια διαιρεῖται· καὶ τὸ μὲν ἐπέχουσιν αἱ χηλαί, θάτερον δὲ τὸ σῶμα καὶ τὸ κέντρον. τοῦτον, φασίν, ἐποίησεν Ἄρτεμις ἀναδοθῆναι <ἐκ> τῆς κολώνης τῆς Χίου νήσου, καὶ τὸν Ὠρίωνα πληῖσαι, καὶ οὕτως ἀποθανεῖν, ἐπειδὴ ἐν κυνηγεσίῳ ἀκόσμως αὐτὴν ἐβίασατο· ὃν Ζεὺς ἐν τοῖς λαμπροῖς ἔθηκε τῶν ἄστρον, ἵν' εἰδῶσιν οἱ ἐπιγινόμενοι ἄνθρωποι τὴν ἰσχὺν τε αὐτοῦ καὶ τὴν δύναμιν.

Ἔχει δὲ ἀστέρας ἐφ' ἑκατέρας χηλῆς β', ὧν εἰσιν οἱ μὲν πρῶτοι μεγάλοι, οἱ δὲ δεύτεροι ἀμαυροί, ἐπὶ δὲ τοῦ μετώπου <λαμπροὺς γ', ὧν ὁ μέσος λαμπρότατος, ἐπὶ τῆς ῥάχεως> λαμπροὺς γ', ἐπὶ τῆς κοιλίας β', ἐπὶ τῆς κέρκου ε', ἐπὶ τοῦ κέντρου β'· προηγεῖται μὲν ἐν αὐτοῖς πάντων φαιδρότερος ὢν ὁ ἐπὶ τῆς βορείας χηλῆς λαμπρὸς ἀστήρ· <τοὺς πάντα ιθ'>.

Tradução:

Escorpião

Por conta de sua magnitude, essa [constelação] ocupa duas zonas [do Zodíaco]¹⁵. Uma [zona] contém as garras¹⁶, enquanto a outra [contém] o corpo e o ferrão. Dizem que

¹⁵ A constelação de escorpião ocupa duas zonas do zodíaco. Isso ocorre, pois, antes das garras do escorpião se separarem do restante do corpo do animal, essa constelação possuía um tamanho muito grande. Devido a isso, entendia-se que o serpentário faria parte das constelações do zodíaco.

¹⁶ Interessante destacarmos que Eratóstenes não nos diz o processo cósmico que ocorreu com a constelação após ser colocado entre os astros, pois, de acordo com Arato, as grandes garras dos Escorpião se separam do “corpo” celeste principal e passou a ser um grupo de estrelas, que tempos mais tarde passou a ser conhecido como constelação de Libra. Existe uma explicação cósmica para que tal separação tenha ocorrido, essa explicação pode ser encontrada no livro “Star-Names and Their Meanings” do autor Richard

Ártemis fez com que ele (escorpião) surgisse do cume de uma montanha da ilha de Quios para que desferisse um golpe em Órion e, desse modo, o matasse, pois [Órion], de forma indecorosa, havia violentado a [deusa] durante uma caçada. Zeus o colocou entre as estrelas mais brilhantes, a fim de que os homens do porvir vejam tanto a sua força quanto o seu poder.

Em cada uma das duas garras tem duas estrelas; as primeiras são as mais brilhantes, e as segundas possuem pouca luz; na cabeça, três [estrelas] < dentre as quais a mais brilhante é a do meio >; na parte inferior do espinhaço, três [estrelas] brilhantes>; no abdômen, duas; sobre a cauda, cinco; no ferrão, duas [estrelas]. Está à frente destas [estrelas] uma estrela brilhante [localizada] sobre a garra norte, que é a mais brilhante de todas. Tem um total de 19 [estrelas].

Hinckley Allen. Com base nesse livro, entendemos que havia um “conflito cósmico” entre a Força da constelação de Escorpião e a Δίκη (Justiça) da constelação de Virgem. E após as garras do escorpião se separarem e se localizarem entre as constelações de escorpião e virgem, passou a haver um equilíbrio no cosmo. Dessa maneira, as Garras do Escorpião passaram a ser conhecidas como a balança, a constelação de Libra.

7.3. BOIEIRO

O Boieiro é uma constelação pertencente ao hemisfério celestial norte. É frequentemente referida pelo seu nome grego, “Boótes”, conhecido como o “Guardião da Ursa”. Arcturo é a sua estrela mais brilhante e mais conhecida. O Boieiro tem como vizinhas as constelações: Ursa Maior, Virgem, Dragão, Coroa Borealis e Hércules.

Texto grego:

<Π>ερὶ τοῦ Βοώτου τοῦ καὶ Ἀρκτοφύλακος.

<Π>ερὶ τούτου λέγεται ὅτι Ἀρκάς ἐστὶν ὁ Καλλιστοῦς καὶ Διὸς γεγονώς, ᾧκησε δὲ περὶ τὸ Λύκαιον φθείραντος αὐτὴν Διός· οὗ προσποιησάμενος ὁ Λυκάων τὸν Δία ἐξένιζεν, ὡς φησὶν Ἡσίοδος, καὶ τὸ βρέφος κατακόψας, παρέθηκεν ἐπὶ τὴν τράπεζαν· ὅθεν ἐκείνην μὲν ἀνατρέπει, ἀφ' οὗ ἡ Τραπεζοῦς καλεῖται πόλις, τὴν δὲ οἰκίαν ἐκεραύνωσε, τὸν δὲ Λυκάονα ἀπεθηρίωσε καὶ αὐτὸν λύκον ἐποίησε· τὸν δὲ Ἀρκάδα πάλιν ἀναπλάσας ἔθηκεν ἄρτιον· καὶ ἐτράφη παρ' αἰπόλῳ· νεανίσκος δ' ὢν ἤδη δοκεῖ καταδραμεῖν εἰς τὸ Λύκαιον καὶ ἀγνοήσας τὴν μητέρα γμαῖι· οἱ δὲ κατοικοῦντες τὸν τόπον ἀμφοτέρους κατὰ νόμον θύειν ἔμελλον· ὁ δὲ Ζεὺς ἐξελόμενος αὐτοὺς διὰ τὴν συγγένειαν εἰς τὰ ἄστρα ἀνήγαγεν.

Tradução:

Sobre o Boieiro, também conhecido como Guardião da Ursa

Sobre ele, diz-se que se chama Árcade, que nasceu de Calisto e de Zeus, e [Calisto] habitava nas redondezas do templo de Zeus Liceu, tendo sido seduzida por Zeus. Fingindo não saber disso, Licáon recebeu Zeus como hóspede e, tal como conta Hesíodo¹⁷, tendo cortado a criança em pedaços, colocou-a na mesa para refeição. Por isso, [Zeus] derrubou a mesa, razão pela qual a cidade é chamada de Mesa [Trapeza], lançou um raio sobre a casa e metamorfoseou Licáon em um animal selvagem, transformando-o em lobo. E [Zeus], tendo reconstruído Árcade, deixou-o perfeito e [ele] foi criado por um pastor de cabras. Então, quando era jovem, ao que parece, [Árcade] desceu correndo em direção ao

¹⁷ Frag. 163.

[templo de Zeus] Liceu e, não tendo reconhecido a mãe, casou-se com ela. E os habitantes da região estavam a ponto de sacrificar a ambos, de acordo com as leis, mas Zeus, tendo-os arrebatado por causa do parentesco, levou-os em direção às estrelas.

7.4. TOURO (HÍADES)

O Touro é uma constelação do Zodíaco pertencente ao hemisfério celestial Sul. É conhecido pelo seu nome em grego Ταύρου. Aldebarã é a estrela mais brilhante e conhecida dessa constelação. Essa estrela é conhecida como o olho do Touro, pois sua localização sugere que essa estrela ocupa a posição do olho esquerdo do Touro mítico.

O Touro tem como vizinhas as constelações: Orion, Perseu, Áries, Auriga - O Cocheiro, Gêmeos.

Texto grego:

Ταύρου

Οὗτος λέγεται ἐν τοῖς ἄστροις τεθῆναι διὰ τὸ Εὐρώπην ἀγαγεῖν ἐκ Φοινίκης εἰς Κρήτην διὰ τοῦ πελάγους, ὡς Εὐριπίδης φησὶν ἐν τῷ Φρίξῳ· χάριν δὲ τούτου ἐν τοῖς ἐπιφανεστάτοις ἐστὶν ὑπὸ Διὸς τιμηθεῖς. ἕτεροι δὲ φασι βούν εἶναι τῆς Ἰοῦς μίμημα· χάριν δὲ ἐκείνης ὑπὸ Διὸς ἐτιμήθη [τὸ ἄστρον]. Τοῦ δὲ Ταύρου τὸ μέτωπον σὺν τῷ προσώπῳ αἱ Ὑάδες καλούμεναι περιέχουσιν· πρὸς δὲ τῇ ἀποτομῇ τῆς ράχεως ἡ Πλειάς ἐστὶν ἀστέρως ἔχουσα ἑπτὰ, διὸ καὶ ἑπτάστερος καλεῖται· οὐχ ὀρῶνται δὲ εἰ μὴ ἕξ, ὃ δὲ ἕβδομος ἀμαυρός ἐστι σφόδρα.

Ἔχει δ' ὁ Ταῦρος ἀστέρως ζ'· ὃς δὴ ὑπεναντία ἔρπει καθ' ἑαυτὸν ἔχων τὴν κεφαλὴν, ἐφ' ἑκατέρων δὲ τῶν κεράτων ἐπὶ τῆς ἐκφύσεως α', ὧν λαμπρότερος ὁ ἐπὶ τῆς ἀριστερᾶς, ἐφ' ἑκατέρων τῶν ὀφθαλμῶν α', ἐπὶ τοῦ μυκτῆρος α', ἐφ' ἑκατέρων τῶν ὤμων α'· οὗτοι Ὑάδες λέγονται· ἐπὶ δὲ τοῦ ἀριστεροῦ γόνατος τοῦ ἐμπροσθίου α', ἐπὶ τῶν χηλῶν <ἐκατέρων> α', ἐπὶ τοῦ δεξιοῦ γόνατος α', ἐπὶ τοῦ τραχήλου β', ἐπὶ τῆς ράχεως γ', τὸν ἔσχατον λαμπρόν, ὑπὸ τὴν κοιλίαν α', ἐπὶ τοῦ στήθους λαμπρόν α'· τοὺς πάντας ιη'.

Tradução:

Touro

Diz-se que ele foi colocado entre os astros por ter conduzido Europa¹⁸ da Fenícia a Creta através do oceano, como diz Eurípides [em sua obra], Frixo¹⁹, e, graças a isso, foi honrado por Zeus, [que o colocou] entre [as estrelas] mais brilhantes. Mas outros [autores] dizem que o Boi é uma réplica de Io; e, graças a ela, a estrela foi honrada por Zeus. As chamadas Híades circundam com a sua presença a testa [da constelação] de Touro. E perto da parte inferior da coluna vertebral, de maneira absoluta estão as Plêiades, formadas por sete estrelas, por isso também chamadas de “Heptásteras”. Mas não se pode ver a sétima estrela, pois tem pouca luz.

A [constelação] de Touro tem sete estrelas; ela caminha lentamente sobre si mesma, tendo a cabeça na direção oposta. Em cada um dos dois chifres, sobre a base, há uma estrela; dentre elas, a que está sobre o [chifre] esquerdo é a [estrela] mais brilhante. Sobre cada um dos dois olhos, [há] uma [estrela]; sobre as narinas, uma; sobre cada um dos dois ombros, uma. Essas [estrelas] são chamadas de Híades. E, sobre o joelho esquerdo dianteiro, há uma [estrela]; sobre cada casco, uma; sobre o joelho direito, uma; sobre a nuca, duas; sobre a espinha dorsal, três, sendo [a estrela] mais brilhante a que está na extremidade; sob o abdômen, uma; sobre o peitoral, uma [estrela] brilhante; tendo um total de 18 estrelas.

¹⁸ De Europa e Zeus nasceram Minos, Radamantes e Sarpédon.

¹⁹ Referência à tragédia perdida de Eurípides.

7.5. PLÉIADES

As Plêiades²⁰ é um aglomerado de estrelas que pode ser observado no hemisfério norte, na constelação de Touro, aproximadamente 400 anos-luz de distância da Terra. Esse aglomerado de estrelas é o grupo estelar mais conhecido de todo o céu, e pode ser visto até mesmo sem o uso de binóculos ou telescópios.

Alcíone é a estrela mais brilhante dentre as que fazem parte desse aglomerado.

Texto grego:

Πλειάδος.

Ἐπὶ τῆς ἀποτομῆς τοῦ Ταύρου τῆς καλουμένης ῥάχεως <ή> Πλειάς ἐστὶν· συνηγμένης δ' αὐτῆς εἰς ἀστέρας ἑπτὰ, λέγουσιν εἶναι τῶν Ἄτλαντος θυγατέρων, διὸ καὶ ἑπτάστερος καλεῖται· οὐχ ὀρῶνται δὲ αἱ ἑπτὰ, ἀλλ' αἱ ἕξ· τὸ δὲ αἴτιον οὕτω πως λέγεται. Τὰς μὲν γὰρ <ἕξ> φασι θεοῖς μιγῆναι, τὴν δὲ μίαν θνητῶ· τρεῖς μὲν οὖν μιγῆναι Δί, Ἥλεκτρον ἐξ ἧς Δάρδανος, Μαῖαν ἐξ ἧς Ἑρμῆς, Ταυγέτην ἐξ ἧς Λακεδαίμων· Ποσειδῶν δὲ δύο μιγῆναι, Ἀλκυόνην ἐξ ἧς Ὑριεύς, Κελαινὴ ἐξ ἧς Λύκος· Στερόπη δὲ λέγεται Ἄρει μιγῆναι, ἐξ ἧς Οἰνόμαος ἐγένετο· Μερόπη δὲ Σισύφῳ θνητῶ, διὸ παναφανής ἐστὶν· μεγίστην δ' ἔχουσι δόξαν ἐν τοῖς ἀνθρώποις ἐπισημαίνουσαι καθ' ὥραν. θέσιν δὲ ἔχουσιν εὖ μάλα κείμεναι κατὰ τὸν Ἴππαρχον τριγωνοειδοῦς σχήματος.

Tradução:

Plêiades

As Plêiades estão no corte da chamada espinha dorsal [da constelação] de Touro; reunidas em sete estrelas, dizem ser filhas de Atlas, por isso são chamadas de Heptásteras, porém não se veem as sete, mas seis²¹. E dizem a razão ser esta: pois dizem que seis se uniram aos Deuses, e uma a um mortal. Portanto, três se uniram a Zeus - Electra, da qual

²⁰ Também conhecida como M45.

²¹ Na mitologia grega, as Híades eram filhas de Atlas e Etera, e, portanto, irmãs das Plêiades por parte de pai. Os antigos acreditavam que o nascer e o pôr helíaco das Híades estavam associados às chuvas, pois a palavra “Ἰάδες” significa chuva. As Plêiades também são conhecidas por vários outros nomes tais como “Sete Irmãs”. O nome Plêiades deriva do grego “Πλειάς”, que significava a abertura e o fechamento da estação da navegação entre os gregos. Na mitologia grega, as Plêiades são as sete irmãs filhas de Pleione e Atlas.

[nasceu] Dárdano; Maia, da qual [nasceu] Hermes; Taígete, da qual [nasceu] Lacedémon. Duas uniram-se a Poseidon: Alcíone, da qual [nasceu] Hirieu; Celeno, da qual [nasceu] Lico. Diz-se que Estéropé uniu-se a Ares, e dela [nasceu] Enómao. E Mérope com o mortal Sísifo, por isso é invisível. Elas têm grande reputação entre os homens por sinalizarem cada estação. De acordo com Hiparco²², [as Plêiades] estão muito bem dispostas em forma de triângulo.

²² Essa referência a Hiparco, um astrônomo do século II a.C., é considerada provavelmente uma adição posterior ao texto de Eratóstenes, que teria vivido no século III a.C., ou seja, antes de Hiparco. Podemos notar ainda que este capítulo sobre as Plêiades não termina da maneira usual, com a descrição da disposição das estrelas na constelação.

7.6. ÓRION

Órion é uma constelação localizada no equador celeste e, por conta disso, pode ser observada por quase todas as regiões da Terra. O genitivo usado para formar nomes de estrelas é *Orionis*. A estrela mais brilhante dessa constelação é conhecida como Betelgeuse.

Órion tem como vizinhas as constelações: Gêmeos, Eridanus - o Rio Eridano, a Lebre e o Cão Maior.

Texto grego:

Ὠρίωνος.

Τοῦτον Ἡσίοδος φησιν Εὐρυάλης τῆς Μίνως καὶ Ποσειδῶνος εἶναι, δοθῆναι δὲ αὐτῷ δωρεὰν ὥστε ἐπὶ τῶν κυμάτων πορεύεσθαι καθάπερ ἐπὶ τῆς γῆς. ἐλθόντα δὲ αὐτὸν εἰς Χίον Μερόπην τὴν Οἰνοπίωνος βιάσασθαι οἰνωθέντα, γνόντα δὲ τὸν Οἰνοπίωνα καὶ χαλεπῶς ἐνεγκόντα τὴν ὕβριν ἐκτυφλῶσαι αὐτὸν καὶ ἐκ τῆς χώρας ἐκβαλεῖν· ἐλθόντα δὲ εἰς Λῆμον ἀλητεύοντα Ἡφαίστῳ συμμῖξαι, ὃς αὐτὸν ἐλέησας δίδωσιν αὐτῷ Κηδαλίωνα τὸν αὐτοῦ [οἰκεῖον] οἰκέτην, ὅπως ὀδηγῆ [καὶ ἠγῆται αὐτοῦ]· ὃν λαβὼν ἐπὶ τῶν ὤμων ἔφερε σημαίνοντα τὰς ὁδοὺς· ἐλθὼν δ' ἐπὶ τὰς ἀνατολὰς καὶ Ἥλιῳ συμμῖξας δοκεῖ ὑγιασθῆναι καὶ οὕτως ἐπὶ τὸν Οἰνοπίωνα ἐλθεῖν πάλιν, τιμωρίαν αὐτῷ ἐπιθήσων· ὁ δὲ ὑπὸ τῶν πολιτῶν ὑπὸ γῆν ἐκέκρυπτο. ἀπελίπας δὲ τὴν ἐκείνου ζήτησιν ἀπῆλθεν εἰς Κρήτην καὶ περὶ τὰς θήρας διῆγε κυνηγετῶν τῆς Ἀρτέμιδος παρουσίας καὶ τῆς Λητοῦς, καὶ δοκεῖ ἀπειλήσασθαι ὡς πᾶν θηρίον ἀνελεῖν τῶν ἐπὶ τῆς γῆς γιγνομένων· θυμωθεῖσα δὲ αὐτῷ <ή> Γῆ ἀνῆκε σκορπίον εὐμεγέθη, ὑφ' οὗ τῷ κέντρῳ πληγεῖς ἀπόλετο· ὅθεν διὰ τὴν αὐτοῦ ἀνδρίαν ἐν τοῖς ἄστροις αὐτὸν ἔθηκεν ὁ Ζεὺς ὑπὸ Ἀρτέμιδος καὶ Λητοῦς ἀξιοθεῖς, ὁμοίως καὶ τὸ θηρίον τοῦ εἶναι μνημόσυνον [καὶ] τῆς πράξεως. ἄλλοι δὲ φασιν ἀξιοθέντα τοῦτον ἐρασθῆναι τῆς Ἀρτέμιδος, τὴν δὲ τὸν σκορπίον ἀνενεγκεῖν κατ' αὐτοῦ, ὑφ' οὗ κρουσθέντα ἀποθανεῖν, τοὺς δὲ θεοὺς ἐλέησαντας αὐτὸν ἐν οὐρανῷ καταστερίσαι καὶ τὸ θηρίον εἰς μνημόσυνον τῆς πράξεως.

Ἔχει δ' ἀστέρας ἐπὶ μὲν τῆς κεφαλῆς γ' ἀμαυροῦς, ἐφ' ἑκατέρῳ ὤμῳ λαμπρὸν α', ἐπὶ τοῦ δεξιοῦ ἀγκῶνος <ἀμαυρὸν> α', ἐπ' ἄκρας χειρὸς <ὁμοίως ἀμαυρὸν> α' [ἀμαυροῦς

β'], ἐπὶ τῆς ζώνης γ', ἐπὶ τοῦ ἐγχειριδίου γ' λαμπρούς, ἐφ' ἑκατέρῳ γόνατι λαμπρὸν α', ἐφ' ἑκατέρῳ ποδὶ ὁμοίως λαμπρὸν α'· <τοὺς πάντας ιζ'>.

Tradução:

Órion

Hesíodo diz que este [era filho] de Euríale²³, Minos, e Poseidon, e que lhe foi concedido um dom, o de andar sobre as ondas assim como sobre a terra. E, tendo partido para Quios, Órion, estando bêbado, violentou Mérope, [a filha de] Enópion²⁴. E, ao tomar conhecimento [disso], Enópion enfureceu-se com a violência, cegou [Órion] e o expulsou da ilha. E, tendo partido para Lemnos²⁵, andando sem rumo, encontrou-se com Hefesto, que, tendo piedade dele (Órion), concedeu-lhe como escravo doméstico Cedálion, o seu próprio escravo, para guiá-lo (e o conduzir). Tomando-o sobre os ombros, carregava-o, para que ele lhe indicasse o caminho. Tendo ido para o leste e se encontrado com Hélio, ao que parece, foi curado [da cegueira]. Desse modo, ele pretendia voltar até Enópion para se vingar. Porém, os seus concidadãos o esconderam sob a terra. Assim, tendo perdido a esperança de encontrá-lo [Enópion], partiu para a ilha de Creta e passava o tempo caçando feras na companhia de Ártemis e Leto. Ao que parece, [Órion] se vangloriou [dizendo que] pegaria qualquer fera que houvesse sobre a terra. E a Terra, tendo se irritado com ele, fez surgir um grande escorpião, por cujo ferrão, [Órion], tendo sido ferido, morreu. A partir de então, Zeus o colocou entre os astros por causa de sua coragem e [por causa] [de as deusas] Ártemis e Leto terem-no honrado. Igualmente, [colocou entre os astros] o animal, como uma memória do acontecimento. Outros dizem que, ao crescer, ele [Órion] apaixonou-se por Ártemis, e ela lançou contra ele o escorpião, pelo qual, ao ser atacado, morreu. Mas os Deuses tiveram piedade dele e colocaram a ele e ao animal entre as estrelas do céu, como uma memória do acontecimento.

Na cabeça, possui três estrelas pouco brilhantes; perto de cada um dos ombros, uma [estrela] brilhante; no cotovelo direito, uma pouco brilhante; na extremidade da mão, uma <também pouco brilhante> [duas pouco brilhante]; na cintura, três²⁶; no punhal, três [estrelas] brilhantes; perto de cada um dos joelhos, uma brilhante; próximo de cada um dos pés, também [possui] uma brilhante. Tem um total de 17 [estrelas].

²³ Filha do Rei de Creta.

²⁴ Rei de Quios.

²⁵ Ilha do mar Egeu.

²⁶ Conhecidas como as Três Marias.

7.7. CÃO MAIOR

O Cão Maior é uma constelação que se localiza no hemisfério sul. Seu genitivo utilizado para formar o nome dessa constelação é conhecido por Canis Majoris. A estrela mais brilhante dessa constelação é conhecida como Sírius.

Cão Maior tem como vizinhas as constelações: Órion, Unicórnio, a Lebre, Rio Eridano.

Texto grego:

Κυνός.

Περὶ τούτου ἱστορεῖται ὅτι ἐστὶν ὁ δοθεὶς Εὐρώπη φύλαξ μετὰ τοῦ ἄκοντος· ἀμφοτέρα δὲ ταῦτα Μίνως ἔλαβε καὶ ὕστερον ὑπὸ Πρόκριδος ὑγιασθεὶς ἐκ νόσου ἐδώρησατο αὐτῇ, μετὰ δὲ χρόνον Κέφαλος ἀμφοτέρων αὐτῶν ἐκράτησε διὰ τὸ εἶναι Πρόκριδος ἀνὴρ· ἦλθε δὲ εἰς τὰς Θήβας ἐπὶ τὴν ἀλώπεκα ἄγων αὐτόν, εἰς ἣν λόγιον ἦν ὑπὸ μηδενὸς ἀπολέσθαι· οὐκ ἔχων οὖν ὅ τι ποιῆσαι ὁ Ζεὺς τὴν μὲν ἀπελίθωσε, τὸν δὲ εἰς τὰ ἄστρα ἀνήγαγεν ἄξιον κρίνας. ἕτεροι δὲ φασὶν αὐτὸν εἶναι κύνα Ὠρίωνος καὶ περὶ τὰς θήρας γινομένῳ συνέπεσθαι, καθάπερ καὶ τοῖς κυνηγετοῦσι πᾶσι τὸ ζῷον συναμύνασθαι δοκεῖ τὰ θηρία· ἀναχθῆναι δὲ αὐτὸν εἰς τὰ ἄστρα κατὰ τὴν τοῦ Ὠρίωνος ἀναγωγὴν, καὶ τούτου εἰκότως γεγονότος διὰ τὸ μηδὲν ἀπολείπειν τῶν συμβεβηκότων Ὠρίωνι.

Ἔχει δὲ ἀστέρας ἐπὶ μὲν τῆς κεφαλῆς [ἢ γλώττης] α' <ὃς Ἴσις καλεῖται>, ὃν καὶ Σείριον καλοῦσι· μέγας δ' ἐστὶ καὶ λαμπρός· τοὺς δὲ τοιούτους ἀστέρας οἱ ἀστρολόγοι Σειρίου καλοῦσι διὰ τὴν τῆς φλογὸς κίνησιν· <ἐπὶ δὲ τῆς γλώττης α' λαμπρόν, ὃς Κύων καλεῖται, ἐπὶ τοῦ τραχήλου β'>, ἐφ' ἑκατέρου ὤμου α' ἀμαυρόν, <ἐπὶ> στήθους β', ἐπ' ἐμπροσθίου ποδὸς γ', <ἐπὶ τῆς ῥάχεως γ', ἐπὶ> κοιλίας β', ἐπὶ τοῦ ἀριστεροῦ ἰσχίου α', <ἐπ'> ἄκρῳ ποδὶ α', ἐπὶ δεξιοῦ ποδὸς α', <ἐπὶ> κέρκου α', τοὺς πάντας κ'.

Tradução:

Cão Maior

Sobre ele, relata-se que é o guarda concedido a Europa junto com uma lança. Minos pegou ambas essas coisas e deu de presente para Prócris, após ele ter sido curado da doença por ela. Mas, depois de um tempo, Céfalos conquistou ambas essas coisas por

ser o marido de Prócris. E assim, [ele] foi em direção a Tebas, conduzindo o [cão²⁷], para perseguir a raposa, que, [de acordo] com um oráculo, não seria aniquilada por ninguém. Portanto, não tendo condição, Zeus petrificou [a raposa], mas, por outro lado, levou [o cão] para o alto das estrelas, julgando-o de grande valor. Mas outros dizem ele ser o cão de Órion e acompanhá-lo quando partia para as caças, embora, ao que parece, o animal [o cão] mantém longe as feras de todos os caçadores. Ele [foi] conduzido para as estrelas após a elevação de Órion, e isso era de se esperar, visto que [o cão] nunca deixava de acompanhar Órion.

Na cabeça possui uma estrela, a qual chamam de Isis, e [outra] na língua, a qual é chamada de Sírio, que é grande e brilhante. Os astrônomos denominam estrelas desse tipo de Sírio, por se movimentarem através da chama. <Na língua, [possui] uma [estrela] brilhante, a qual é chamada de Cão. Na nuca, duas>. Em cada um dos ombros, uma [estrela] de pouca luz. No peitoral, duas. Na pata dianteira, três. <Na espinha dorsal, três>. No abdômen, duas. Na anca esquerda, uma [estrela]; na ponta de uma pata, uma; na pata direita, uma; na cauda, uma; tendo um total de 20 [estrelas].

²⁷ Em *Ilíada* 22, vv. 29-34, há um símile que compara o brilho das armas de Aquiles com o brilho da constelação do Cão de Órion.

Considerações finais

De acordo com Rui Carlos Fonseca em *A sonoridade das estrelas gravada nos Catasterismos de Eratóstenes* (2016, p. 169), vemos que: “Essa obra inicia com uma forma do pronome demonstrativo οὗτος (apenas os textos 23, sobre as Plêiades, e 43, sobre os Planetas, não abrem com esse pronome)”.

Considerando essa análise feita por Rui Carlos Fonseca e analisando os capítulos traduzidos aqui apresentados, podemos observar que essa ideia utilizada por *Eratóstenes* tem como função introduzir a constelação ao público contando o passado mitológico no qual o ser passou até ser transformado em uma constelação. Sendo assim, vemos que os capítulos podem vir a ser introduzidos por: *Ταύτην Ἡσίοδος φησι; Οὗτος διὰ; <Π>ερί τούτου λέγεται; Οὗτος λέγεται; Τοῦτον Ἡσίοδος φησιν; Περὶ τούτου.*

Outro ponto a ser destacado é a preocupação que o autor possui em sempre trazer a referência no qual esse resumo foi retirado, por isso vemos nesses exemplos que “*Hesíodo diz...*”, pois entende-se que a narrativa que vai ser apresentada para o leitor é contada “na íntegra” numa obra de Hesíodo que infelizmente não chegou até nós. Dessa maneira, compreende-se que esses itens mencionados são utilizados como uma introdução para narrativa mitológica que vai ser contada.

No último parágrafo da obra é comum encontrarmos uma descrição sobre a forma como o ser é integrado ao céu estelar. Observa-se como cada estrela se organiza dentro do corpo celeste, e, também, é notório que o autor se preocupa em deixar claro o nível de brilho que cada estrela possui. Rui Carlos Fonseca chama atenção no ponto em que cada grupo astral possui descrições repletas de adjetivos que tem como função deixar claro o grau de luminosidade que as estrelas possuem, tendo λαμπρός e ἀμαυρός como os termos mais recorrentes na obra de Eratóstenes.

A tradução para o português foi feita o mais fielmente possível e colada ao texto original, de modo que todos os termos que não constam do texto grego foram indicados por colchetes. Pretendeu-se assim reproduzir o caráter sinóptico do texto original.

Referências bibliográficas:

- ARATO. Fenômenos. Tradução de José Carlos Baracat Junior, Rafael Brunhara et alii. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, no 38, jan-jun, 2016, p. 1-84.
- ERATOSTHENES. *Catasterismi*. Pâmias, J. Geus, K. (edd., trans.) Bibliotheca Classicorum 2. Oberhaid: Utopica Verlag, 2007.
- ERATÓSTENES. *Mitología del Firmamento (Catasterismos)*. Introducción, traducción y notas de Antonio Guzmán Guerra. Madrid: Alianza Editorial, 1999.
- ERATOSTHENES; HYGINUS. *Star Myths of the Greeks and Romans: A Sourcebook*. Theony Condos (transl.). Phanes: Press, 1997.
- FERNANDES, M.V. Os “Fenômenos” de Arato: ciência, mito e poesia. Comunicação apresentada na III semana de Estudos sobre o Período Helenístico, na FFLCH/USP, no dia 6 de maio de 2013.
- FONSECA, Rui Carlos. A memória dos heróis gravada nas estrelas: Eratóstenes e a épica portuguesa. In: PÂMIAS, J. (ed.). *Eratosthenes' Catasterisms: Receptions and Translations*. Mering, Utopica, 2016, pp. 95-108.
- FOWLER, Robert Louis. *Early greek mythology*. Vol 2: Commentary. Oxford, 2013.
- GEE, E. *Aratus and the Astronomical Tradition*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- HENRICHS, A. Three Approaches to Greek Mythography. In: BREMMER, J. *Interpretations of Greek Mythology*. London: Routledge, 1990, pp. 242-277.
- HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. Edição, tradução, introdução e notas de Alessandro Rolim de Moura. Curitiba: Segesta, 2012.
- HESÍODO. *Teogonia*. Estudo e tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1991.
- HOMERO. *Iliada*. Tradução e introdução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- HOMERO. *Odisseia*. Tradução e introdução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- LORIMER, H. L. Stars and Constellations in Homer and Hesiod. In: *The Annual of the British School at Athens*, Vol. 46, Papers Presented to Professor Alan Wace to Commemorate Fifty Years of Work in Archaeology (1951), pp. 86-101.

- MARTINHO, Marcos. "Mitografia Grega". Palestra apresentada no 30º LEC-UFF na Quarentena, em 04.11.2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Yi0pSUFawI>.
- NIETO, José Ramón del Canto. La contemplación de las estrellas como fuente de la mitología astral y de la ciencia (a propósito de los Catasterismos de Eratóstenes). In: PÀMIAS, J. (ed.). *Eratosthenes' Catasterisms: Receptions and Translations*. Mering, Utopica, pp. 15-34.
- OVÍDIO. *Metamorfoses*. Edição bilíngue. Tradução, introdução e notas de Domingos Lucas Dias. Apresentação de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Editora 34, 2017.
- PÀMIAS, J. Ἀστὴρ γενόμην — The Popular Roots of Catasterisms in Greece. In: HADRAVOVÁ, Alena; HADRAVA, Petr; LIPPINCOTT, Kristen (ed.). *The Stars in the Classical and Medieval Traditions*. Prague: Institute of Contemporary History of the Czech Academy of Sciences, 2019, pp. 189-202.
- PÀMIAS, J. (Org.) *Eratosthenes' Catasterisms: Receptions and Translations*. Mering: Utopica, 2016.
- PÀMIAS, J. Non-Eratosthenic Astral Myths in the Catasterisms. In: PONTANI, Filippomaria (ed.). *Certissima signa. A Venice Conference on Greek and Latin Astronomical Texts*. Venezia: Libreria Editrice Cafoscarina, 2017, pp. 51-60.
- PSEUDO-ERATOSTHENIS. *Catasterismi*. Ed. A. Olivieri. Leipzig: Teubner, 1897.
- ROBINSON, M. Ovid and the *Catasterismi* of Eratosthenes. *American Journal of Philology*, vol. 134, n. 3, 2013, pp. 445-480.
- ROLDÁN, Minerva Alganza. *La mitografía como género de la prosa helenística: cuestiones previas*. Universidad de Granada: Florentia Iliberritana, 2006.
- RUIZ DE ELVIRA, A. *Mitología clásica*. 2a. ed. Madrid: Gredos, 1994.
- VOLK, K. Letters in the Sky: Reading the Signs in Aratus' *Phaenomena*. *American Journal of Philology*, vol. 133, n. 2, 2012, pp. 209-240.